

DO BURBURINHO CITADINO AO ISOLAMENTO E SEUS SILÊNCIOS: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E ESPAÇO URBANO

FROM THE HUSTLE TO ISOLATION AND ITS SILENCES: REFLECTIONS ON LITERATURE AND URBAN SPACE

DEL BULLICIO URBANO AL AISLAMIENTO Y SUS SILENCIOS: REFLEXIONES SOBRE LA LITERATURA Y EL ESPACIO URBANO

Fátima Leonor Sopran¹

Marta Maria Silva de Faria Wanderley²

Resumo: Esse ensaio tem como objetivo refletir a respeito da relação entre literatura e espaço urbano. Abordamos a situação das cidades com traços que apontam características urbanas contemporâneas, como a atual pandemia. O ensaio busca discutir literatura e espaço urbano no atual momento da pandemia de Coronavírus. As cidades tornam-se grandes protagonistas dos acontecimentos cotidianos, há um elo entre a literatura e os espaços reais. A pandemia abala os lugares e possibilita a escrita de um cotidiano citadino abatido pelo vírus. A discussão sobre pandemia, literatura e espaço urbano dialoga com os romances *A Peste*, de Camus (1997) e o *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago (1995), por ambas tratarem de pandemia e da artificialidade vivida pelo ser humano, bem como instiga uma possível reflexão que deve ser feita nesse sentido. As obras constituem uma potência para tratar do registro de uma história cultural urbana das cidades.

Palavras-chave: Pandemia; burburinho; silenciamento.

Abstract: This essay aims to reflect on the relationship between literature and urban space. We approach the situation of cities with traits that point out contemporary urban characteristics, such as the current pandemic. The essay seeks to discuss literature and urban space in the current moment of the Coronavirus pandemic. Cities become major protagonists of everyday events, there is a link between literature and real spaces. The pandemic shakes places and makes it possible to write a daily life in the city affected by the virus. The discussion about pandemic, literature and urban space dialogues with the novels *A Peste*, by Camus (1997) and *O Ensaio sobre a Cegueira*, by Saramago (1995), as both deal with the pandemic and the artificiality experienced by human beings, as well as instigating a possible reflection that should be made in this sense. The works constitute a power to deal with the registration of an urban cultural history of the cities.

Keywords: Pandemic; hustle; silencing.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre literatura y espacio urbano. Abordamos la situación de las ciudades con rasgos que apuntan a características urbanas contemporáneas, como la pandemia actual. El ensayo busca discutir la literatura y el espacio urbano en el momento actual de la pandemia de Coronavirus. Las ciudades se convierten en grandes protagonistas de los acontecimientos cotidianos, existe un vínculo entre la literatura y los espacios reales. La pandemia sacude los lugares y permite escribir la vida cotidiana de la ciudad descompuesta por el virus. La discusión sobre pandemias, literatura y espacio urbano dialoga con las novelas *A Peste*, de Camus (1997) y *Ensayo sobre a Cegueira*, de Saramago (1995), ya que ambas abordan la pandemia y la artificialidad vivida por el ser

¹ Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

² Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

humano, así como instigar una posible reflexión que debería hacerse al respecto. Las obras constituyen un poder para ocuparse del registro de una historia cultural urbana de las ciudades. **Palabras clave:** Pandemia; zumbido; silencio.

Introdução

Esse texto trata da metafórica morte das cidades. O ensaio versa sobre o estudo do espaço na literatura. O elemento espaço na literatura ainda carece de estudos, apesar de atualmente já termos vários trabalhos que confirmam o fundamento desse elemento, tanto na literatura como na geografia. Nessa perspectiva, os estudos de Santos (2002), Cosgrove (2000) e Bachelard (1996) foram de imprescindível importância porque abordam o espaço como um elemento que aparece no romance de ficção, bem como na realidade. Bachelard (1996) trata sobre o espaço interno e externo na obra *A poética do espaço*. O texto discute a questão do burburinho e do silêncio nas cidades, pois põe em voga a importância dos espaços na vida das pessoas, que antes da pandemia viviam a agitação dos lugares e, após o coronavírus, vivem o isolamento.

Os espaços urbanos antes preenchidos, hoje estão vazios, com poucas pessoas circulando pelas avenidas, ruas e becos. As praças se encontram desertas, as pessoas estão reclusas em suas casas, não se ouve mais o barulho das crianças nas escolas e dos jovens nas universidades, o silêncio chegou em diversos ambientes. O que se sabe é que os hospitais estão lotados, com pouco ou nenhum espaço e nem aparelhos suficientes para atender a todos.

A pandemia trata de uma catástrofe mundial que tomou conta da vida das pessoas e das cidades. O mundo mudou e em alguns lugares, cientistas, economistas, profissionais da saúde, da educação responsáveis pelas políticas públicas, dentre outros, ficaram atentos às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), aflitos para encontrar uma maneira de combater o Coronavírus e a pandemia.

O silenciamento cidadão deixou uma profunda amargura à humanidade. A literatura considera os espaços essenciais para realização das ações das personagens. Logo, a literatura que recria um lugar, logicamente contribui para o entendimento desse lugar. As cidades que viviam o movimento, estão praticamente mortas. Consta-se que até as palavras dos poetas não preenchem mais os bares, as salas de aula, os teatros, os palcos da vida e a música melodiosa das poesias raramente acalentam os ouvidos, tudo silenciou. A literatura como arte que imita e reflete a vida pode tecer um espaço caótico e de esperanças, de ansiedade, de aflição, de dor, de morte e de recomeço. Ao imitar esse momento real, recria pela palavra um espaço. Logo, encontra, na perspectiva dessa imitação, a identidade de arte do real e da própria visão do homem. Essa é sua maneira de intervir na realidade.

Os lugares são acolhedores da doença. O Coronavírus trouxe o enclausuramento, o medo, a tristeza e os espaços antes agitados, hoje mais parecem espaços fantasmas. “Sempre existiu uma íntima ligação entre a literatura e as cidades. O artista moderno, tal como seus semelhantes, foi capturado pelo espírito da cidade moderna” (BRADBURY, 1989, p. 77), a própria cidade passava a ser, ela mesma, uma personagem, deixando de ser apenas palco ou cenário dos acontecimentos. Os lugares hoje são protagonistas da epidemia que os rodeia, a maior parte deles vive momentos de caos. Antes da pandemia estavam sempre movimentados, muitas pessoas circulando por uma infinidade de lugares. Hoje tudo cessou.

Cidades em movimento silenciadas pós pandemia

A cidade, desde os princípios da modernidade, foi caracterizada por abarcar grande quantidade de pessoas em seu espaço e sempre proporcionou diferentes e novos tipos de

subjetividades, interações sociais e o progresso desenfreado, provocando, assim, o avanço científico, a expansão demográfica, os problemas sociais, ambientais, de saúde pública, que envolvem e podem comprometer a saúde humana e o meio ambiente, por exemplo. As cidades tornam-se grandes protagonistas dos acontecimentos cotidianos. O assunto tratado no decorrer do texto se estabelece na relação pandemia, literatura e espaço urbano atravessado pela leitura de Camus (1997) e Saramago (1995).

A literatura mostra as cidades como grandes protagonistas da vida cotidiana. Portanto, uma literatura que recria o mundo logicamente, contribui com o entendimento desse mundo.

A história cultural urbana abre-se a todas as disciplinas que tenham algo a dizer sobre a cidade, e com isso redefine todas as questões que giram em torno dela: a literatura, a política, a sociologia, a arquitetura, que também acabam reformuladas ao passarem pelo filtro da cidade (GORELIK, 2009, p. 235).

Neste ponto, a literatura sempre foi uma grande aliada das cidades, pois trabalha com as belezas, as riquezas as construções e tudo o que move o urbano e o humano, nesse contexto. Nesse sentido, lida, portanto, com as construções, catástrofes e desconstruções.

A verdade é que, quando escrevemos usamos de nossas vivências. Sempre há algo anterior ao ficcional. Essas vivências correspondem à uma teia que abriga história coletiva e individual. Essa assertiva pode ser confirmada pelas palavras de Bezerra (2011) ao declarar que “A narrativa é sempre uma experiência subjetiva, mas condicionada, todavia, a seu conteúdo e forma, às interações anteriores do sujeito com a sua coletividade, e o senso comum” (BEZERRA, 2011, p. 17).

Sob essa perspectiva, neste momento crítico de epidemia, o homem sente o silêncio das cidades, ao mesmo tempo crítico, sobre os espaços vazios e as poucas pessoas que circulam parecem amedrontadas. Essas cenas nos reportam ao poeta e crítico, Charles Baudelaire (1985), quando diz que a cidade de Paris, se destaca pelas cenas retiradas do cotidiano permanentemente agitado. Em contrapartida, a agitação que outrora vivenciamos como o poeta Baudelaire, hoje é silenciado. Porém, não esquecemos do movimento das cidades e da agitação e esperamos o retorno da multidão percorrendo as ruas e lotando as cidades.

Na literatura o poeta também trabalha com o lado obscuro das cidades. No momento atual o que se apresenta é esse lado obscuro de uma realidade que assusta. O que se vê são ironias e contradições, o antes e o depois das cidades num mesmo espaço.

Para Santos (2002, p. 63), o espaço é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. O espaço das cidades está impregnado das ações do homem, e tudo que acontece marca cada momento que vivenciamos

Uma literatura que nasce entranhada no mundo urbano certamente contribui para o entendimento daquela realidade social. A virada do século 19 para o 20 aparecia como momento privilegiado para essa forma de abordagem, fazendo da literatura uma importante fonte de leitura da cidade (CASTRO, 2015, p. 11).

Neste momento caótico também estamos fazendo da literatura uma leitura da cidade. O antes e o depois podem ser observados na imagem a seguir. Os espaços em que circulavam muitas pessoas transformaram-se em espaços quase vazios, consideradas as cidades mortas como metaforicamente dirão o texto literário.

O preenchimento dos espaços das cidades mostra a dinâmica de se conviver em comunidade, demonstrar sentimentos como o sofrimento e a felicidade, entre outros. De acordo com Haesbaert (1997, p. 30) as significações e valores,

de cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche o seu espaço com um conjunto de instrumentos utilitários, mas também de emoção e sensibilidade, pois amamos, sofremos e podemos, pelo menos na imaginação expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo.

Para Cosgrove (2000, p. 38), “é a imaginação que metamorfoseia a comunidade humana e o ambiente natural em uma significativa unidade de espaço”. As cidades são espaços que abarcam todo tipo de sentimento e movimento, tudo acontece nesses espaços humanos, onde tudo e todos se mesclam. Esses espaços nos permitem verificar a existência de dois tipos: “o tópico refere-se ao espaço feliz, e o espaço atópico ao espaço hostil, demonstra que o espaço vai além da mensuração e da reflexão do geômetra” (BACHELARD, 1996, p. 19).

Hoje as cidades marcam o espaço hostil, a pandemia trouxe a dor e o sofrimento. Logo, o sentimento que impera não é mais o de felicidade e sim esse que está a destruir muitos corações. Na paisagem atual a liberdade foi suprimida pelo enclausuramento. O Coronavírus veio para amedrontar e talvez para permitir a reflexão sobre o rumo que a humanidade caminha.

A literatura trouxe, em vários livros de ficção, as consequências que provoca uma doença em massa. A exemplo disso, dois livros mostram esta situação em que vivemos hoje, o livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, publicado no ano de 1995 e *A peste*, de Camus, publicado no ano de 1997³. Segundo Carvalho (2010, p. 93), a obra *A peste* questiona: “por que a escolha da peste? Porque é a única doença epidêmica que provoca consequências dolorosas sobre uma cidade inteira. A única que atinge todos os domínios da sociedade e desorganiza toda a sua vida; a única que coloca os cadáveres na rua.

O próprio título do romance carrega um aspecto trágico

Assim, enquanto a estrutura global do texto remete à tragédia, a sucessão dos capítulos e a variedade de seus encadeamentos descrevem o movimento da vida, na sua desordem e no seu combate contra a doença, à morte e o mal. Tudo configura uma situação na qual o homem enfrenta a tragédia do absurdo, na sua forma mais violenta: a morte. Não era qualquer morte, mas a morte de uma cidade inteira. (CARVALHO, 2010, p. 95).

Percebe-se que, antes da epidemia, os cidadãos da cidade viviam cotidianamente de forma comum, sem se preocupar com o outro, talvez da forma mais banal possível. Segundo Barreto (1971) “O importante para suportarmos sem dificuldade o passar dos dias é ter hábitos e os habitantes de Oran têm uma vida tranquila e metódica. Eles se preocupam em trabalhar para enriquecer e fazer negócios” (p. 156). Porém, a vida desse povo é abalada pelo aparecimento de ratos, todos são infectados pela peste, proliferando a doença em toda a cidade. Camus (1997) expõe em seu livro que a partir do momento em que a peste se instaura levando pessoas a morte: “O sentimento do absurdo reveste a condição humana com uma nova visão. A partir de então, o homem percebe a artificialidade das coisas que o rodeiam, à medida que o homem encontra consigo mesmo vê que nem tudo é harmônico” (PIMENTA, 2010, p. 21). Esse sentimento possibilita ao homem uma nova visão. Ele acaba se conscientizando da desarmonia que o rodeia e da vida artificial que leva.

No romance de Saramago (1995) *Ensaio sobre a Cegueira*, o autor destaca: “o que faltava àquelas pessoas era a saída da superficialidade de olhar para entrar na profundidade da arte de ver” (p. 305). A cegueira branca apenas agravou a severidade da cegueira dos habitantes da cidade, que já eram cegos funcionais. Tanto o romance de Camus (1997), como de Saramago (1995) abordam a questão da artificialidade da vida do ser humano.

³ Original: La Peste. Paris: Gallimard, 1947.

Percebemos que a literatura apresenta, por meio da ficção, muitos temas que coincidem com muitos dramas da humanidade e que estão relacionados ao espaço que as pessoas ocupam. O Coronavírus, por exemplo, se tornou hoje um drama no mundo. Esse drama está afetando a humanidade que, de certa forma, está às cegas; olha, mas não vê. Essa leitura tem relação com a literatura e o espaço urbano, objeto de discussão nesse texto.

Considerações finais

As cidades como protagonistas da vida cotidiana nos trouxeram a oportunidade de refletir sobre o silenciamento que se constatou desde o ano de 2020, em decorrência de pandemia, assim como a literatura que proporcionou a oportunidade de recriação nesse momento de aflição e tristeza. Os espaços movimentados deram lugar a solidão, tudo se tornou vazio.

Considera-se que o Coronavírus, de certa forma, apresentou para muitos uma maneira de ver e ler o mundo e lidar com o semelhante sob outra perspectiva, considerando o tempo que se vive. Observa-se que a literatura, através de uma situação real, procura reconstruir, por meio da ficção, outra situação:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção (PASSAVENTO, 2006, p. 22).

Os romances *A peste* (2010), de Camus e *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de Saramago mostram a artificialidade que vive o ser humano e os dois tratam de epidemias e de uma possível reflexão que deve ser feita pelo homem. Considerando os romances dos autores, parece claro a potência dessas obras para se escrever uma história cultural urbana das cidades.

Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Trad. A. P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).

BARRETO, V. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1971.

BAUDELAIRE, Charles *As flores do mal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEZERRA, A. P. Do texto à encenação: a expansão cênica da narrativa e sua eficácia simbólica. In: MENDES, C. F. (Org.). *Dramaturgia, ainda: reconfigurações e rasuras*. Salvador: EDUFBA, 2011.

BRADBURY, M. As cidades do modernismo. In: BRADBURY, M.; MCFARLANE, J. (Org.). *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMUS, A. *A peste*. 10. ed. Trad. V. Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARVALHO, J. J. C. *Tragédia do absurdo*. João Pessoa: Ideia, 2010.

CASTRO, A. C. V. *Moderna, nacional, estrangeira: a imagem de São Paulo nos anos de 1920*, nas crônicas de Menotti Del Picchia. 2005. 178f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

COSGROVE, D. Mundo de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Geografia cultural: um século* (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 1-10.

GORELIK, A. Cultura urbana sob novas perspectivas: entrevista de Ana Castro e Joana Mello. *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 84, p. 235-249, 2009.

HAESBAERT, R. Território, poesia e identidade. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 20-32, 1997.

PASSAVENTO, S. J. História e literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debate*, p. 1-9, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revies.org/docunebt156.html>. Acesso em: 13 set. 2020.

PIMENTA, D. R. *A criação absurda segundo Albert Camus*. 2010. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Estética e Filosofia da Arte, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. Disponível em: <http://docplayer.com.br/25823168-A-criacaoabsurda-segundo-albertcamus.html>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

Sobre as autoras

Fátima Leonor Sopran. Graduada no Curso de Letras – Licenciatura Plena – Português e Literaturas de Língua Portuguesa em Ijuí-RS, 1993. Especialização em Formação para o Magistério – Área de Concentração Língua Portuguesa, Faculdades Integradas de Amparo – São Paulo, 1999. Mestre em Literatura e Crítica Literária, PUC – São Paulo, 2010. Doutora em Estudos Literários pela UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2018, Prof.^a Adjunta da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Participante do Grupo de Pesquisa “Topus – Espaço, Literatura e Outras Artes” da Universidade de Brasília (UNB) e Grupo de pesquisa (GPEL) CNPq. Membro do corpo Editorial da Revista “Topus – Espaço, Literatura e Outras Artes”, Minas Gerais.

E-mail: fsopran@uneb.br.

Marta Maria Silva de Faria Wanderley. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP), 2020. Mestre em Educação (UFPI), 2006, Especialista em Formação continuada em Mídias na Educação (UESB), 2011, Especialista Telemática na Educação (UFRPE), 2003, licenciada em Letras (UNEB) e em Pedagogia pela mesma Universidade. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (GPeAHFC), na PUC-SP e Líder do grupo de Pesquisa em Educação e Linguagem (GPEL) CNPq.

E-mail: fariamar4@gmail.com.